

---

# A ocupação pré-histórica da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas)

VICTOR S. GONÇALVES<sup>1</sup>  
ANTÓNIO CARVALHO<sup>2</sup>  
SUSANA POMBAL<sup>3</sup>

**R E S U M O** Sob a lixeira da villa romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas) foram descobertos restos de uma ou, mais provavelmente, duas ocupações pré-históricas, datáveis de fins do IV milénio, início do III. Foi identificado um conjunto lítico quase microlaminar, núcleos e lascas de quartzito, percutores e alguns artefactos de pedra polida. No que se refere aos artefactos cerâmicos, estão presentes, formas abertas e fechadas, incluindo taças carenadas, cerâmicas mamiladas, pratos de bordo espessado e alguma, pouca, cerâmica decorada, sendo um dos fragmentos associável ao grupo das cerâmicas folha de acácia das penínsulas de Lisboa e Setúbal. O “ídolo de cornos” recolhido corresponde também a esta cronologia.

**A B S T R A C T** Beneath the garbage dump of the Roman *villa* Quinta das Longas (S. Vicente and Ventosa, Elvas) were found the remnants of one, or most likely, two pre-historic occupations dating from the end of the IV millennium, and the outset of the III. A lithic, almost micro foliated assemblage, nuclei and quartzite chips and some polished stone artifacts were identified. Also identified were ceramic artifacts, open and closed objects, including streamlined bowls, mammilated earthenware, plates with thickened edges, and some, although very little, decorated earthenware, with one of the fragments being associated to the acacia leaf earthenware of the Lisboa and Setúbal peninsulas. The “horned idol” unearthed also corresponds to this chronology<sup>4</sup>.

## 0. Nota prévia

*A uilla romana da Quinta das Longas foi sistematicamente investigada e escavada desde 1990 por um de nós, em termos modernos o seu «descobridor» (A.C.), e revelou não apenas estruturas de importância considerável como um notável conjunto de estatuária, único em Portugal.*

*O aparecimento de materiais claramente atribuíveis aos últimos séculos do IV milénio e aos primeiros do III, em anos de calendário, sob a lixeira romana, originou o presente estudo.*

*A.C. descreveu a situação geral referente ao sítio romano, e é autor das fotografias de campo. V.S.G. descreveu e estudou o espólio, enquadrando-o nos seus contextos imediatos, e é autor das fotografias dos materiais arqueológicos e do tratamento digital dos desenhos e fotografias. Susana Pombal acompanhou as últimas duas Campanhas de escavação e é autora dos desenhos do espólio, à excepção do conjunto de líticos, cujo registo gráfico foi efectuado por Fernanda Sousa.*

## 1. Localização

A *uilla* romana situa-se na Quinta das Longas, freguesia de S. Vicente e Ventosa, concelho de Elvas, distrito de Portalegre (Carta Militar de Portugal 1:25 000, folha 414 (1970). Coordenadas hectométricas Gauss: X-821.6 e Y-196.99). O acesso à Quinta das Longas faz-se pelo desvio, à direita, existente ao Km 7,8 da Estrada Nacional n.º 246, que liga Elvas a Portalegre, passando por Santa Eulália.

Transpondo o portão da Quinta das Longas, e para Norte, estende-se um rectângulo de terreno quase plano, em declive pouco acentuado, delimitado por dois muros — um dos exteriores da quinta (a Oeste) e um outro interior (a Nascente) — e um curso de água — a Ribeira de Chaves (a Norte). É no interior deste rectângulo que se localizam os vestígios arqueológicos, encontrando-se a sua maior concentração associada a uma ligeira depressão no terreno, aproximadamente na sua metade norte.

De acordo com a Carta Geológica de Portugal n.º 37-A (ed. 1971, esc. 1:50 000), o sítio arqueológico assenta numa faixa de granitos de Portalegre, de direcção Noroeste-Sudeste, encravada numa mancha de xistos e grauvaques do Pré-Câmbrico, a qual contacta a Sudoeste quer com calcários cristalinos e dolomíticos, quer com arcoses do Câmbrico.

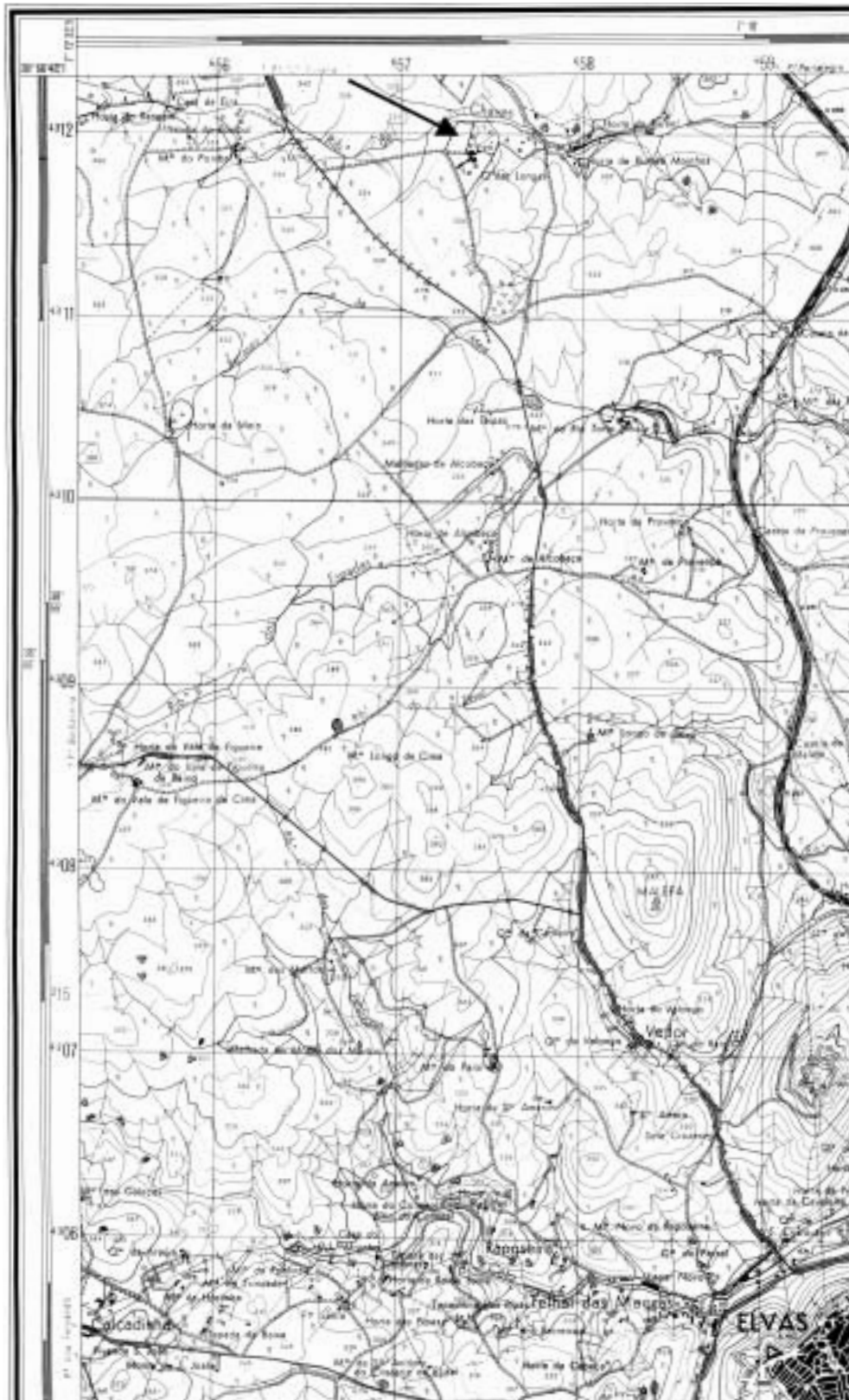
Quanto ao tipo de solos, as Cartas dos Solos de Portugal n.º 37-A (ed. 1964, esc. 1:50 000) e de Capacidade e Uso de Solos n.º 37-A (ed. 1964, esc. 1:50 000), informam-nos que o sítio arqueológico da Quinta das Longas está implantado numa área de solos mediterrâneos vermelhos ou amarelos derivados da alteração de calcários cristalinos e de rochas básicas (garbos), que afloram a Noroeste. A capacidade de uso do solo é, em geral, do tipo B. No entanto, regista-se uma mancha de solos de capacidade do tipo A, junto ao leito da Ribeira de Chaves, associada ao depósito de aluviões. Um talude artificial para suporte de terras, com uma caleira para transporte de águas adossada, foi construído em época moderna para criar um maior desnível face à ribeira, o que permitiu a manutenção e incremento da planície aluvial a Norte da *pars urbana* da *uilla*.

## O SÍTIO ROMANO

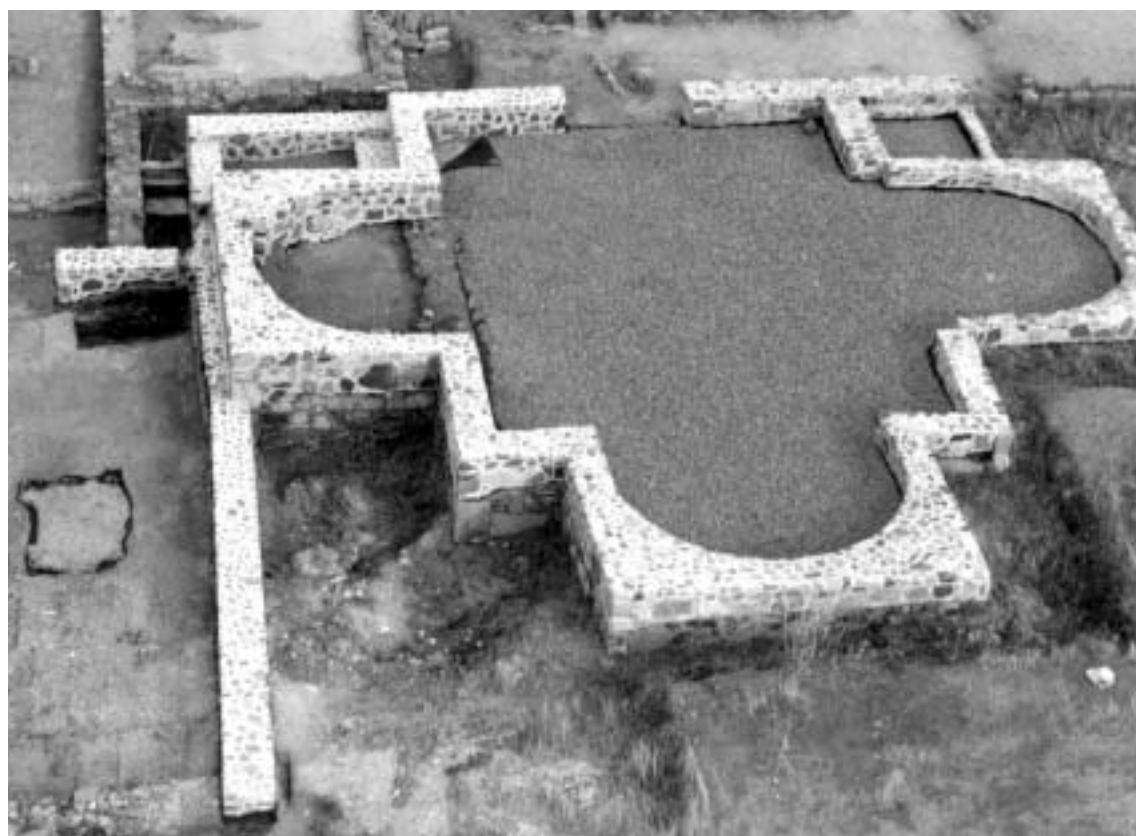
### 2. O reconhecimento do sítio

No Inverno de 1989/90, a queda de um muro, provocada pela excessiva acumulação de água das chuvas, possibilitou a localização exacta da estação arqueológica.

No Verão de 1990, iniciou-se a prospecção sistemática do sítio. Após a conclusão da mesma, foi elaborado um projecto de investigação para a realização de escavações arqueológicas.



Mapa 1 A Quinta das Longas (em cima, ao centro): localização em função de Elvas, no canto inferior direito do mapa (CMP 414).



Figs. 1 e 2 Dois aspectos da *pars urbana* da *villa* romana da Quinta das Longas (vista de Oeste).

Actualmente, e após a realização de 12 campanhas sucessivas de trabalhos arqueológicos, a totalidade da área escavada na *uilla* romana da Quinta das Longas ascende a 1500 m<sup>2</sup>. Porém, numa zona específica de cerca de 30 m<sup>2</sup> registaram-se traços de uma ocupação pré-histórica, para além de outras recolhas efectuadas em locais dispersos.

### 3. Trabalhos e publicações que se lhe referem

Apesar do sítio arqueológico da Quinta das Longas ser conhecido já há cerca de um século, nunca fora objecto, anteriormente, de qualquer intervenção arqueológica de âmbito científico.

A descoberta de vestígios arqueológicos no local remonta a 1881, data em que ao proceder-se a uma surriba no terreno, para o plantio de uma vinha, foram detectados e recolhidos, para a Biblioteca Municipal de Elvas, alguns materiais que permitiram atribuir ao sítio uma ocupação da época romana. Em 1901, António Thomaz Pires publica, em revista científica, uma primeira notícia sobre estes e outros materiais arqueológicos recolhidos na Quinta das Longas, em diversas ocasiões. Todos os estudos posteriores que se lhe referem baseiam-se na notícia de Pires e não permitem concluir se houve novas deslocações ao local, por parte de outros arqueólogos. Excepção feita, talvez, a Mário de Saa que parece, efectivamente, ter visitado o sítio, considerando, por um lado, o tipo de trabalho que realizou e, por outro, a localização de Elvas na área geográfica em que os seus estudos incidiram.

Assim, enumeram-se, seguidamente e por ordem cronológica de edição, todas as publicações que contêm referências a este sítio arqueológico:

**1883**

ALMADA, V. d' (1883) - Apontamentos para a Crónica da Cidade de Elvas, III: Vestígios da dominação romana - aditamento. *O Elvense*. Elvas: [s.ed.], 19 (231), p. 1, cols 2-4.

**1901**

PIRES, A. T. (1901) - Catálogo do Museu Archeologico de Elvas. *O Archeologo Português*. Lisboa. 6:8-12, p. 217-224.

**1913**

PIRES, A. T. (1913) - *Estudos e notas Elvenses. Excerptos de um estudo sobre a toponymia elvense*. Elvas: Ed. de autor, vol. 13, p. 65-66.

**1934**

PINTO, R. S. (1934) - *Inventário dos Mosaicos Romanos em Portugal*. Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos. Madrid. 1, p. 176.

**1956**

SAA, M. de (1956) - *As grandes vias da Lusitânia: o Itinerário de Antonino Pio*. Lisboa: S/ed., vol. 1, p. 134 e 297-298.

**1979**

GORGES, J.-G. (1979) - *Les villas hispano-romaines: inventaire et problématique archéologiques*. Paris: De Boccard, p. 467.

**1983**

ALARCÃO, J. de (1983) - *Portugal romano*. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Verbo, p. 207.

**1986**

OLEIRO, J. M. B. (1986) - Mosaico Romano. in: ALARCÃO, J. de - *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*. Lisboa: Publicações Alfa, vol. 1, p. 112-113.

**1988**

ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips, vol. 2, p. 154.

**1992**

CARVALHO, A. (1992) - A *uilla* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). *Almadan*. Almada. II.<sup>a</sup> Série. 1, p. 90.

**1993**

CARVALHO, A. (1993) - *A uilla romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa), Elvas*. Elvas: Câmara Municipal. (Desdobrável).

**1994**

CARVALHO, A. (1994) - A *uilla* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): As prospecções de 1990. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 2, p. 239-251.

**1997**

CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J.; PINTO, I. (1997) - Notícia de identificação do sítio romano da Horta do Rangem. *Al-madan*. Almada. II.<sup>a</sup> Série, 6, p. 169-170.

**1998**

ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (1998) - Ânforas da *uilla* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 137-165.

SEPÚLVEDA, E.; CARVALHO, A. (1998) - Cerâmicas de paredes finas no Museu Municipal de Elvas. *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 233-264.

**1999**

CARVALHO, A. (1999) - Evidências arqueológicas da produção de vinho nas *uillae* romanas do actual território português: alfaias vitícolas e lagares de vinho. In GORGES, J.-G.; RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G., eds. - *Economie et productions en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Velázquez (Collection de la Casa de Velázquez, 65), p. 361-390.

ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. (1999) - Ânforas da *uilla* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida In Memoriam*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. 1, p. 43-55.

**2000**

ALMEIDA, M. J. (2000) - *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação final do curso de mestrado em Arqueologia Romana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Fevereiro 2000. (Policopiada).

CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (2000) - Conjunto de esculturas romanas descobertas na *uilla* romana da Quinta das Longas. *Al-madan*. Almada. II.<sup>a</sup> Série. 9, p. 8.

**2001**

CARVALHO, A. (2001) - Lagares de vinho e seus componentes nas *uillae* romanas do território português. In *O Vinho, A História e a Cultura Popular: Actas do Congresso*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, p. 39-72.

**2002**

CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (2002) - A *uilla* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): uma década de trabalhos arqueológicos (1991-2001). *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. Lisboa. 13-14, p. 13-37.

NOGALES BASARRATE, T.; CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (2002) - O grupo escultórico da *uilla* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). In *As Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*.

**2003**

CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (2003) - A água e o mármore na *uilla* baixo-imperial da Quinta das Longas. *Elvas-Caia. Revista Internacional de Cultura e Ciência*. Lisboa/Elvas.1, p. 113-126.

SEPÚLVEDA, E. de (2003) - *Terra sigillata* hispânica facetada da Quinta das Longas, Elvas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 287-297.

**No prelo**

CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J.; NOGALES BASARRATE, T. (no prelo) - El programa decorativo de la Quinta das Longas (Elvas, Portugal): modelo excepcional de las *uillae* de la Lusitania. In *Actas da IV Reunião Sobre Escultura Romana da Hispania* (Lisboa/Cascais, 7 a 9 de Fevereiro de 2002).

CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. J. (no prelo) - Vias e circulação de produtos no SW do *conuentus emeritensis*: o exemplo da Quinta das Longas (Elvas, Portugal). In *Actas da V Mesa Redonda sobre a Lusitânia Romana* (Cáceres, Novembro de 2002).

#### 4. Descrição geral, leitura estratigráfica e periodização

Para o presente artigo interessa realçar os trabalhos desenvolvidos na 4.<sup>a</sup> campanha de escavações, de 1994, na qual foi possível caracterizar em detalhe a área onde se localizava a maior concentração de vestígios pré-históricos U.E. [132], realidade arqueológica que foi possível escavar na íntegra. Porém, devido aos sucessivos revolvimentos e violações, desde a época romana à actualidade, dos estratos deposicionais, os materiais não se encontravam apenas nesta unidade, mas antes dispersos por vários contextos estratigráficos, nem sempre espacialmente próximos.

Foram, também, recolhidos materiais pré-históricos em outros estratos que correspondem essencialmente a locais onde, em diferentes momentos e por distintas razões, as camadas foram cortadas até à rocha de base. É o caso da U.E. [134], caracterizada como a camada residual depositada sobre o afloramento rochoso, coberta pelo lajeado de tijolos que forrava o fundo da fossa 2 escavada no enchimento do pavimento do espelho de água (7) num momento tardio, em época romana, e de difícil definição cronológica, mas seguramente após este espaço ter perdido a sua função original.

Por sua vez, a U.E [141] diz respeito ao enchimento do cabouco aberto para implantação do designado “muro interior da quinta” construído no final do século XIX [circa 1881?].

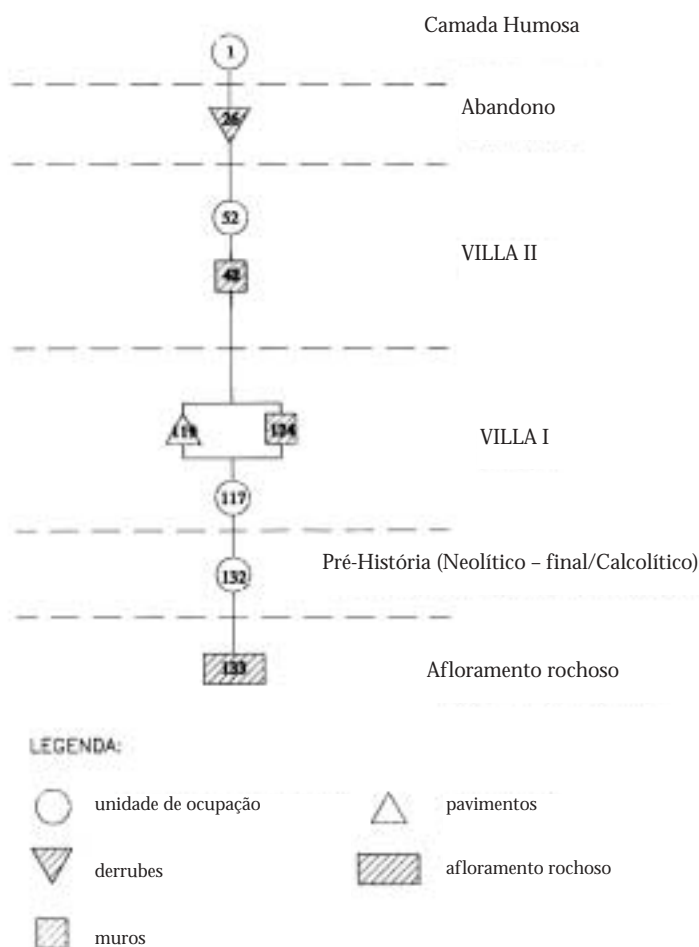


Fig. 3 Diagrama estratigráfico.





Figs. 4, 5 e 6 Aspectos da escavação na área da lixeira baixo-imperial sob a qual foram detectados os vestígios pré-históricos.



Fig. 7 Corte estratigráfico S-N do derrube U.E. [26] que cobria a lixeira baixo-imperial U.E. [52].

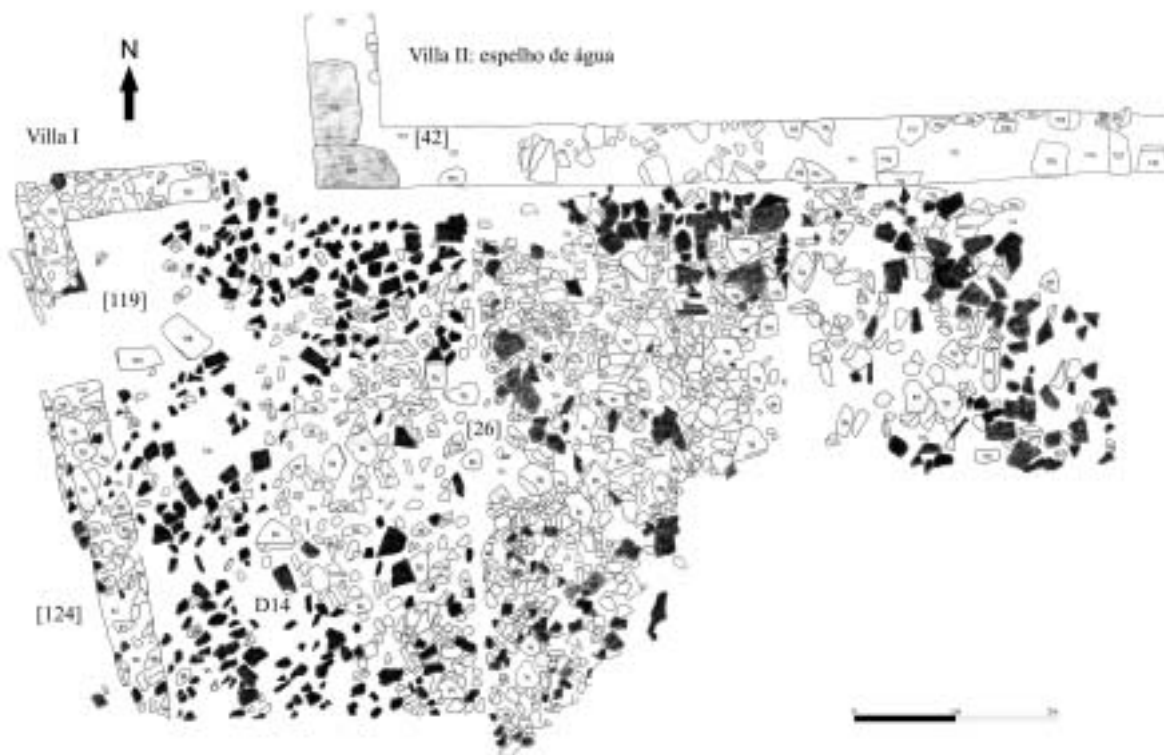


Fig. 8 Planta do derrube U.E. [26] que cobria a lixeira baixo-imperial U.E. [52] (final do século III, inícios do IV).

Após a identificação da sala 1 alargou-se a área de escavação para Poente, exactamente para a zona correspondente à lixeira baixo-imperial, que foi constituída no exterior desta divisão e a Sul do espelho de água. Foi justamente sob a área da lixeira que se recolheu o maior conjunto de materiais arqueológicos pré-históricos. Aqui a estratigrafia reconhecida, de fácil leitura, corresponde, sensivelmente a cerca de 1,5 m de espessura máxima.

A sequência estratigráfica neste local específico é a seguinte: logo abaixo da fraca camada humosa, U.E. [1], foi detectado um espesso estrato que correspondia ao derrube das paredes e telhados da divisão 1 para o exterior, U.E. [26]. Este derrube escondia a lixeira baixo-imperial, U.E. [52], que se acumulou no final do século III/início do século IV. Esta lixeira foi constituída directamente sobre os restos de um compartimento remanescente da *uilla* I (divisão 14), de meados do século I, e sobre uma camada de terras amarelas, U.E. [117], que, por sua vez, escondia os vestígios do nível pré-histórico, nos locais onde não existiam construções romanas da fase antiga U.E. [132]. O espólio pré-histórico assentava imediatamente sobre o afloramento granítico preenchendo os interstícios da rocha como que nivelando zonas de depressão, não tendo sido registados quaisquer vestígios de estruturas associadas. Desconhecemos se foram os construtores romanos a arrastar e compactar estes materiais nas zonas de depressão rochosa, de modo a obter uma superfície mais plana ou se, por outro lado, os materiais já ali se encontravam aquando da construção dos edifícios sobre a rocha.

## A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA

### 5. A ocupação de fins do IV milénio, inícios do III

#### 5.1. Os materiais arqueológicos identificados

*Considerando as fortes alterações pós-deposicionais que os materiais pré-históricos provenientes da Quinta das Longas sofreram, não se entendeu necessária a descrição exhaustiva de todos eles. O seu número, de algum modo reduzido, e contrastando com a sua relativa diversidade, tornaria absurda a sua listagem em quadros, pelo que os exemplares que justificaram descrição e comentários mais desenvolvidos foram objecto de texto corrido. Para os critérios usados, ver Gonçalves, no prelo.*

##### 5.1.1. A pedra lascada

Vários utensílios de pedra lascada foram recolhidos na Quinta das Longas, todos eles bastante atípicos.

Os núcleos estão representados pelo que parece ser um pequeno núcleo de lamelas cuja altura, 3,92 cm, corresponde à normal para lamelas desta época. O segundo núcleo é um núcleo de lascas sobre quartzito, com negativos irregulares.

Encontraram-se também lâminas muito fragmentadas, algumas retocadas e dois furadores, resultando estes do apontar, por truncatura seguido de retoque, de uma lamela e do apontar por convergência simétrica de uma lâmina pequena ou lamela. Curiosamente, nem geométricos, nem pontas de seta foram identificados neste conjunto.

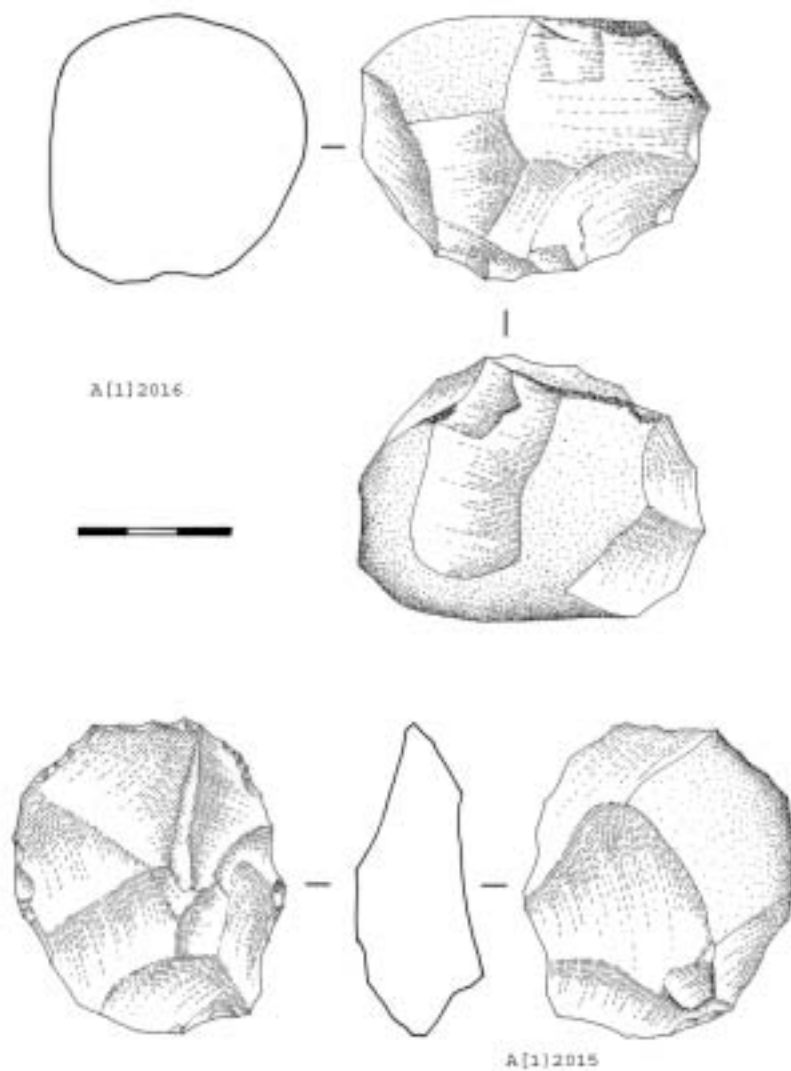


Fig. 9 Núcleo e lasca de quartzito.

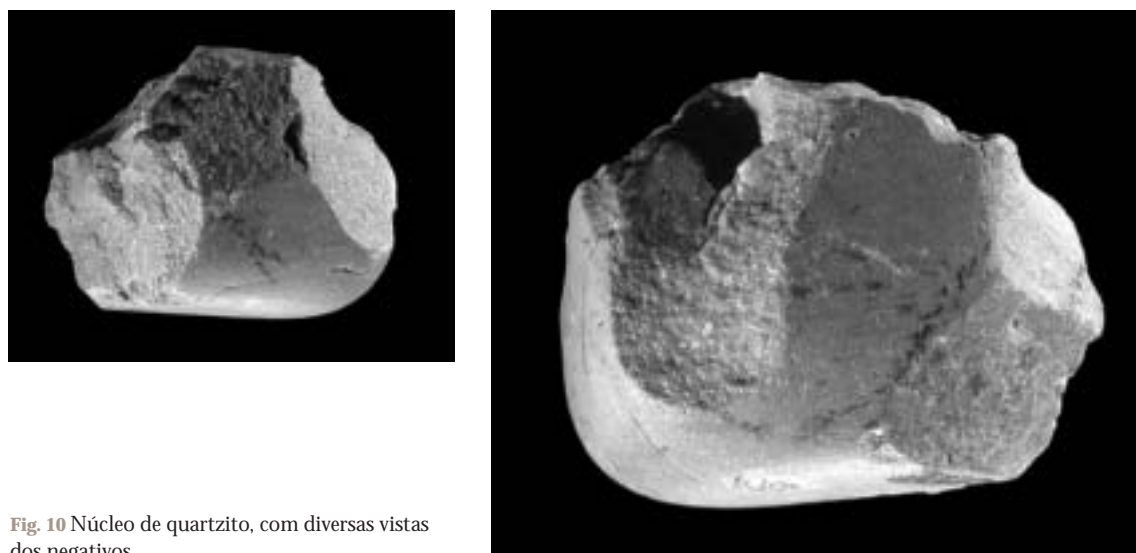


Fig. 10 Núcleo de quartzito, com diversas vistas dos negativos.

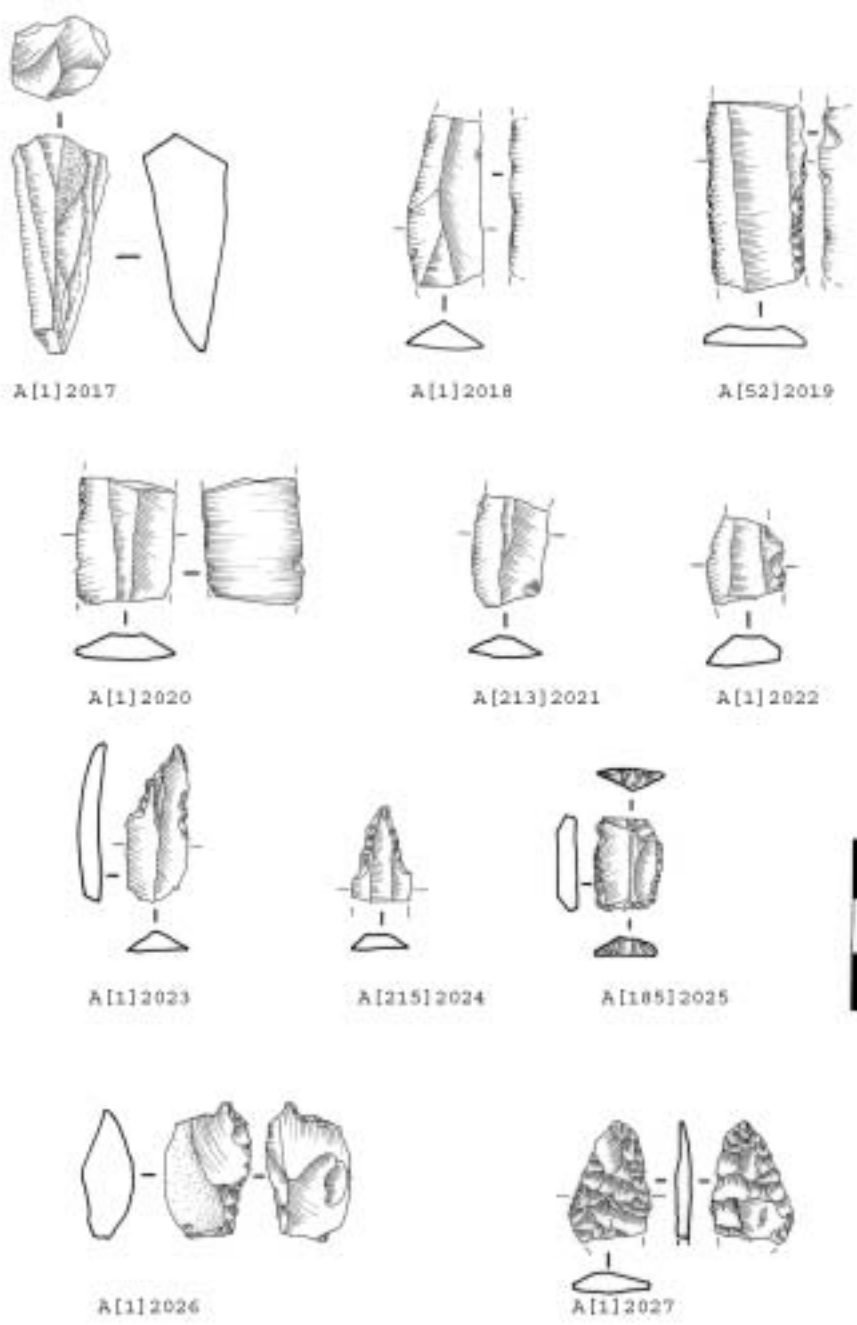
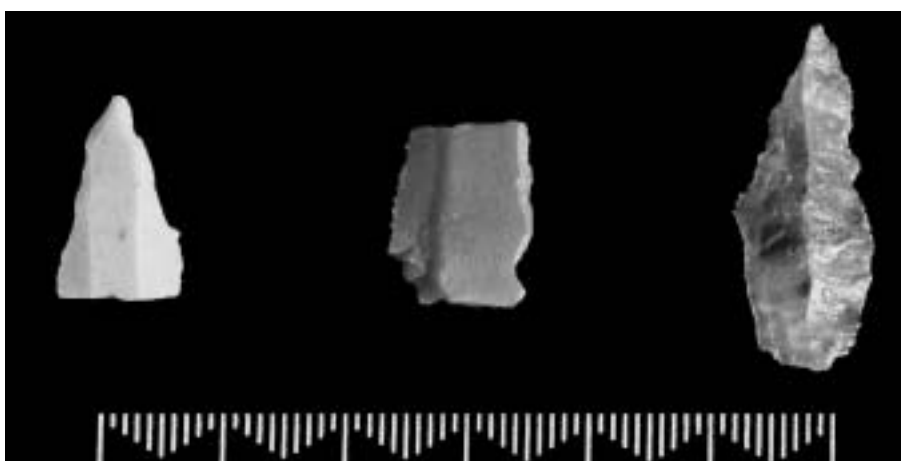
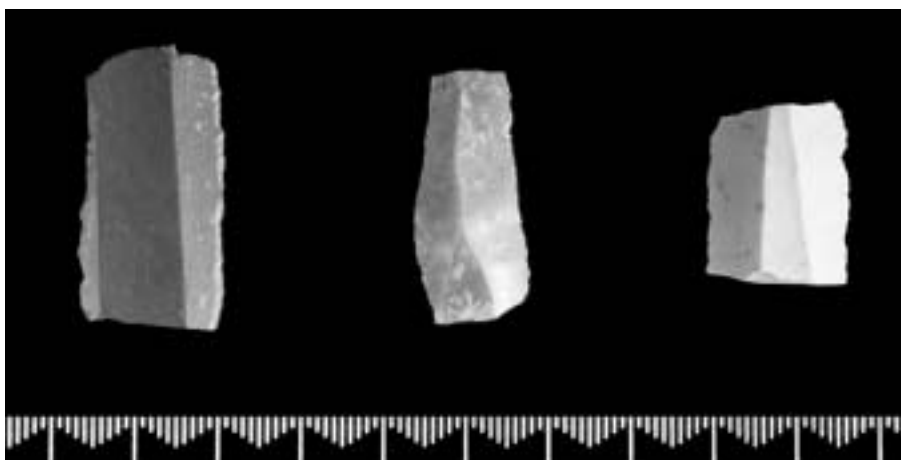


Fig. 11 Artefactos de pedra lascada recolhidos na Quinta das Longas.



Fig. 12 Percutor.



Figs. 13 e 14 Artefactos de pedra lascada.

### 5.1.2. A pedra polida

Três artefactos de pedra polida, dois machados provenientes da unidade 1 e uma enxada da unidade 52. O machado 2032 e a enxada 2030 foram fragmentados, o primeiro na sequência de uso intenso e a segunda muito pouco tempo após o início da sua utilização.

O machado 2031 é uma excelente peça talhada sobre hidrotermalito, uma rocha vulcânica, provavelmente proveniente de jazidas em Vila Boim, segundo informação de Paulo Fonseca, que agradecemos.

A secção dos dois machados oscila entre o circular do machado 2032 e o oval do 2031.

Ainda que os sinais de uso estejam presentes nos três, não deixa de ser interessante referir que o hidrotermalito é relativamente pouco comum. Nos casos em que rochas especiais são usadas para artefactos de este tipo, trata-se normalmente de artefactos votivos. Nestas situações, porém, o gume está intacto, o que não acontece em 2031.

Basicamente, as três formas configuram artefactos anteriores ao advento das sociedades arqueometalúrgicas, sendo aceitável a sua localização na segunda metade do IV milénio.

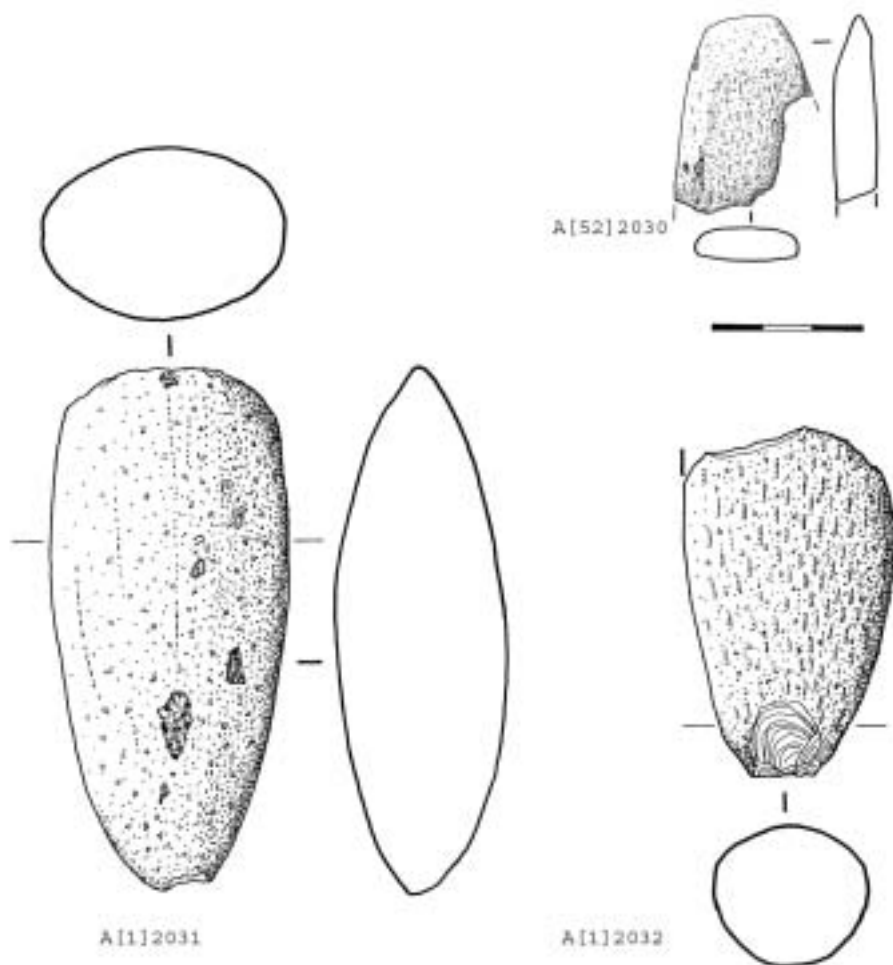
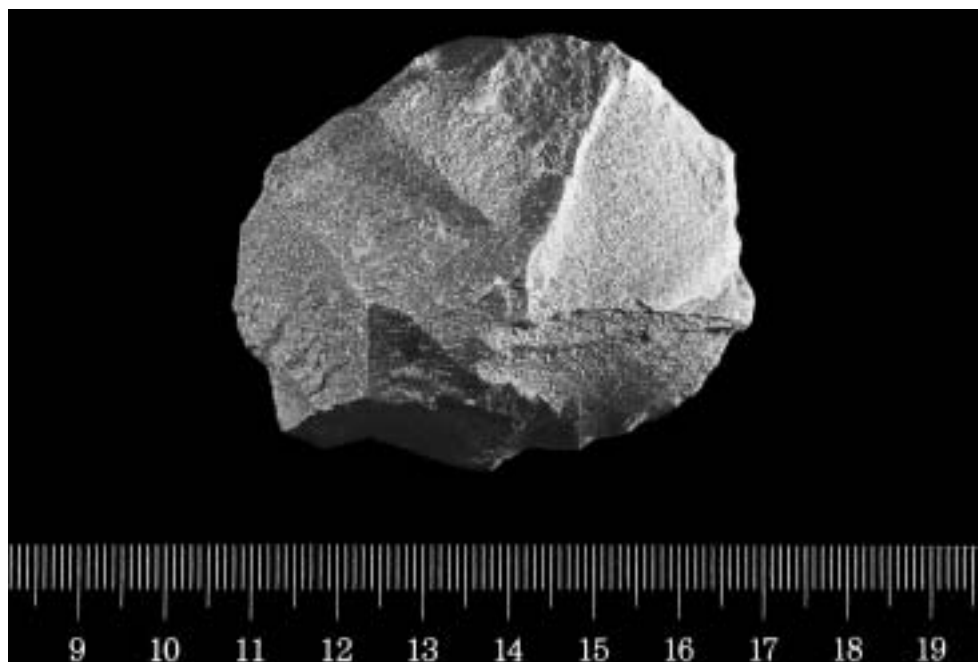


Fig. 15 Artefactos de pedra polida.



**Figs. 16 e 17** Machado 2031 (em cima) e lasca 2015 (em baixo).



### 5.1.3. A cerâmica

#### 5.1.3.1. O grupo das taças carenadas

Dos materiais cerâmicos recolhidos na Quinta das Longas, e que se referem à ocupação pré-romana, sem dúvida os mais importantes a nível da determinação de parâmetros cronológico-culturais são as chamadas taças carenadas.

Foram identificados quatro exemplares, todos eles provenientes da unidade estratigráfica [132]. São taças carenadas “clássicas”, todas elas de dimensões ligeiramente diferentes em crescendo, variando entre um diâmetro de 29,5 cm de diâmetro externo de abertura e 51 cm.

Considerando a importância específica atribuída ao conjunto, escolheu-se efectuar uma descrição individual, seguida de um comentário sintetizando as características que apresentam.

#### Descrição

##### QL 4(94) A [132] 2038

É um grande fragmento de bordo, com 10,4 cm deste ainda conservado e uma carena definida por corte abrupto. O fragmento, que inclui o bordo, conserva também a carena, sendo muito bem visível a junção do volume superior desta taça com o inferior. Dos outros três fragmentos, dois dizem respeito ao fundo e um conserva ainda o arranque interno e parte do miolo da carena. A pasta era compacta, devido ao tipo de argila escolhido, à cozedura e à distribuição homogénea dos componentes não plásticos. Uma observação macroscópica sumária permitiu identificar vários tipos de quartzo, entre os quais quartzo hialino e algumas micas, triturados de forma a obter dimensões pequenas e médias. A superfície externa apresenta-se muito bem alisada na parte superior da carena e rugosa na inferior. O interior da taça e o bordo mostram um alisamento relativamente homogéneo. A cozedura da peça, muito provavelmente posta ao fogo de boca para baixo, foi redutora nas superfícies internas e em parte da externa abaixo do bordo, tendo tido um arrefecimento em meio oxidante, sobretudo presente no fundo exterior. O bordo é não espessado, deprimido em parte do percurso e convergente. Os valores para o posicionamento da carena parecem indicar uma carena média/alta. O diâmetro exterior da abertura foi fixado em 51 cm. O diâmetro externo da carena foi de 56,4 cm. A espessura do bordo, medida abaixo do ponto de convergência, era de 0,8 cm e a espessura da carena de 2,8 cm. A espessura do fundo descia até aos 0,7 cm.

##### QL 4(94) A [132] 2037

Desta taça registam-se dois fragmentos colando entre si, mas apenas um deles possui bordo, identificável numa extensão de 8,8 cm. É uma pasta homogénea, compacta, com componentes não plásticos finamente triturados, bem calibrados e distribuídos na massa da argila. Na análise macroscópica são visíveis biotites e prováveis moscovites alteradas, sendo as primeiras em grande número. Detectaram-se também alguns fragmentos de quartzo e quartzo hialino. As superfícies internas apresentam traços de uma aguada espessa, quase um engobe, alisada e ligeiramente polida posteriormente. Como é habitual nestas situações, o fundo exterior apresenta-se rugoso. A cozedura é maioritariamente oxidante em toda a peça, com manchas negras redutoras. O bordo pode ser con-

siderado convergente, ainda que a sua ligeira inflexão para o exterior pudesse fornecer um aspecto de bisel simples, contrariando o arredondamento do topo. A carena apresenta valores que a aproximam claramente das carenas altas e os planos que a definem foram obtidos por ruptura. O diâmetro reconstituído para a abertura foi de 40 cm para o diâmetro externo de abertura. O diâmetro externo da carena foi de 58 cm. A espessura do bordo é de 0,8 cm, a espessura da carena de 2,5 cm e a espessura mínima do fundo conservado de 0,6 cm.

Trata-se de um recipiente cerâmico muito bem feito e excelentemente acabado para esta categoria de peças.

#### QL 4(94) A [132] 2036

Um grande fragmento, conservando apenas um topo de bordo de 5 cm em 17 possíveis. As superfícies em que falta o bordo apresentam-se erodidas, com alguns sinais evidentes de rolamento. A pasta é compacta, com abundantes componentes não plásticos, particularmente biotites, algumas raras moscovites alteradas e algum, pouco, quartzo hialino. As superfícies externas e internas apresentam-se alisadas de uma forma homogénea. O fundo exterior da taça apresenta-se só ligeiramente rugoso, conservando ainda alguns traços de alisamento. A cozedura foi oxidante, com escassas manchas de arrefecimento redutor no fundo externo. O bordo, não espessado, apresenta paredes de direcção convergente deformadas por uma ligeira exversão. A carena é de definição abrupta. Pela localização, trata-se de uma carena média, a única com estas características deste conjunto. O diâmetro externo da abertura foi fixado em 32,4 cm e o diâmetro externo da carena era de 37,6 cm. A espessura do bordo era de 0,7 cm e a espessura da carena de 2,7 cm.

#### QL 4(94) A [132] 2035

Taça representada por três fragmentos, um respeitante à parte do fundo, os outros dois incluindo bordo, carena e fundo. O bordo é legível numa extensão de cerca de 15 cm. A pasta evidencia componentes não plásticos grosseiramente moídos, de pequena e média dimensão, sobretudo média, maioritariamente de quartzo, sendo detectáveis alguns pequenos fragmentos de quartzo hialino e algumas, muito poucas, micas, nomeadamente moscovite alterada. As superfícies externas e internas apresentam-se actualmente rugosas, mas a parede interna superior à carena guarda traços de alisamento e provavelmente de aguada. A perda desta em todas as superfícies restantes deve portanto ser atribuída a fenómenos pós-deposicionais. A cozedura é uniformemente oxidante, nas superfícies interna e superior externa. O vaso foi provavelmente colocado ao fogo de boca para cima, o que explica a redução visível no fundo externo. O bordo não espessado apresenta uma orientação convergente com uma muito ligeira exversão do topo externo. Apesar de ligeiramente boleada na sequência de fenómenos pós-deposicionais, a carena pode ser classificada como em ruptura de planos. O diâmetro externo da boca foi fixado em 29,5 cm e o diâmetro da carena em 36 cm. A espessura do bordo oscilava entre 0,7 cm e 0,8 cm e a espessura da carena em 2,3 cm.

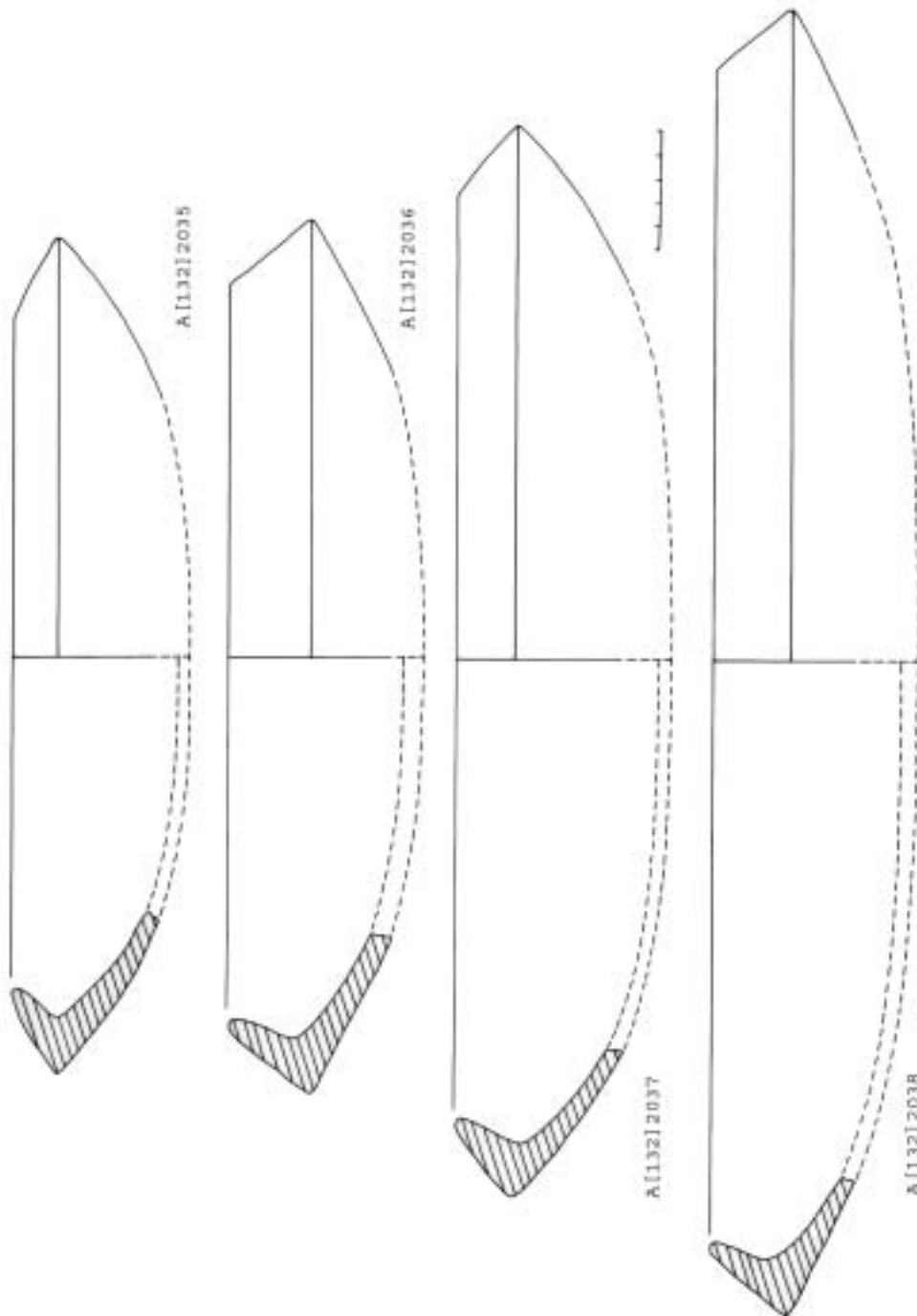


Fig. 18 Taças carenadas.



**Figs. 19 e 20** Exemplos de cozedura oxidante e dos calibres dos componentes não-plásticos. As setas apontam as dobras de montagem dos troncos de cone sobre formas tipo taça muito aberta, configurando a construção «clássica» de um dos tipos mais conhecidos das taças carenadas.

### *Comentário*

As quatro taças carenadas acima sumariamente descritas constituem um conjunto relativamente homogéneo, apesar das diferentes dimensões registadas. A aproximá-las têm as similitudes dos bordos, o tipo de carena, sempre obtido por ruptura de planos. No entanto, alguns factores que poderiam ser utilizados para as aproximar, como as aguadas ou engobes, estão indisponíveis devido aos fenómenos pós-deposicionais. O boleamento das fracturas, tanto dos bordos como dos fundos, foi verificado episodicamente, mas as alterações das superfícies são uma situação constante e impedem aproximações. Todas as quatro foram cozidas em ambientes oxidantes e as manchas de redução podem dever-se a irregularidades de cozedura ou arrefecimento em recipientes de tão grandes dimensões.

A taça 2037 apresenta, no entanto, características que a diferenciam ligeiramente das restantes. Em termos de componentes não plásticos, a percentagem de biotites finamente moídas é realmente impressionante. De resto, tudo indica tratar-se de um recipiente muito mais cuidado na execução e acabamento que os restantes.

Aproveitando um estudo monográfico já em revisão final de texto, estas taças carenadas foram comparadas com o pequeno conjunto proveniente da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, *no prelo*), um conjunto que reúne quatro exemplares, três identificados na câmara e um no corredor. Apesar de se manter para as taças carenadas de STAM-3 a mesma designação, estas são efectivamente recipientes muito diversos nas dimensões e no próprio acabamento das carenas, objecto de adossamento que produziu uma redução nas arestas primitivas, que aparecem assim rombas. A taça carenada de maior diâmetro de STAM-3 tem um diâmetro externo da abertura (dea) de 27 cm e a mais pequena 18 cm. É certo que se trata, em princípio, de cerâmicas destinadas a ser colocadas num espaço restrito de um monumento funerário, mas existem óbvias divergências e não apenas na dimensão. A distância entre a Quinta das Longas e a Torre do Esporão (Gonçalves, 1990-1991), por um lado, e a Quinta das Longas e a Sala n.º 1 (Gonçalves, 1987), por outro, é considerável. No entanto, a haver proximidades, esquecendo as de Cabeço do Cubo e Santa Vitória (Dias, 1996), em Campo Maior, elas poderiam mais facilmente corresponder aos exemplares mais distantes de Pedrógão do Alentejo, que aos de Reguengos de Monsaraz. Não é impossível que as taças de STAM-3 tenham sido previstas para deposição em espaços restritos, mas a diferença de proporção regista-se também em povoados. Enquanto não forem publicados os grandes conjuntos artefactuais referidos para esses lugares de habitação, torna-se difícil emitir qualquer comentário com implicações cronológicas e culturais.

#### *5.1.3.2. Os pratos de bordo espessado*

Os dois pratos de bordo espessado recolhidos na Quinta das Longas registam espessamentos de tipo ligeiramente diferenciado, apresentando um deles espessamento interno e externo e o outro apenas interno. Deve porém ser dito que o espessamento exterior registado no exemplar 2044 se deve muito provavelmente a operação de montagem do bordo que produziu uma depressão na parede externa logo abaixo deste.

São dois recipientes de grande dimensão, como é usual nos pratos recolhidos em povoados e mesmo em monumentos funerários, recorde-se o grande recipiente encontrado num monumento da segunda fase no Monte Novo dos Albardeiros.

Estes recipientes robustos, e naturalmente reservados a um uso quotidiano, apresentam as características típicas e são largamente conhecidos no Centro e Sul de Portugal.

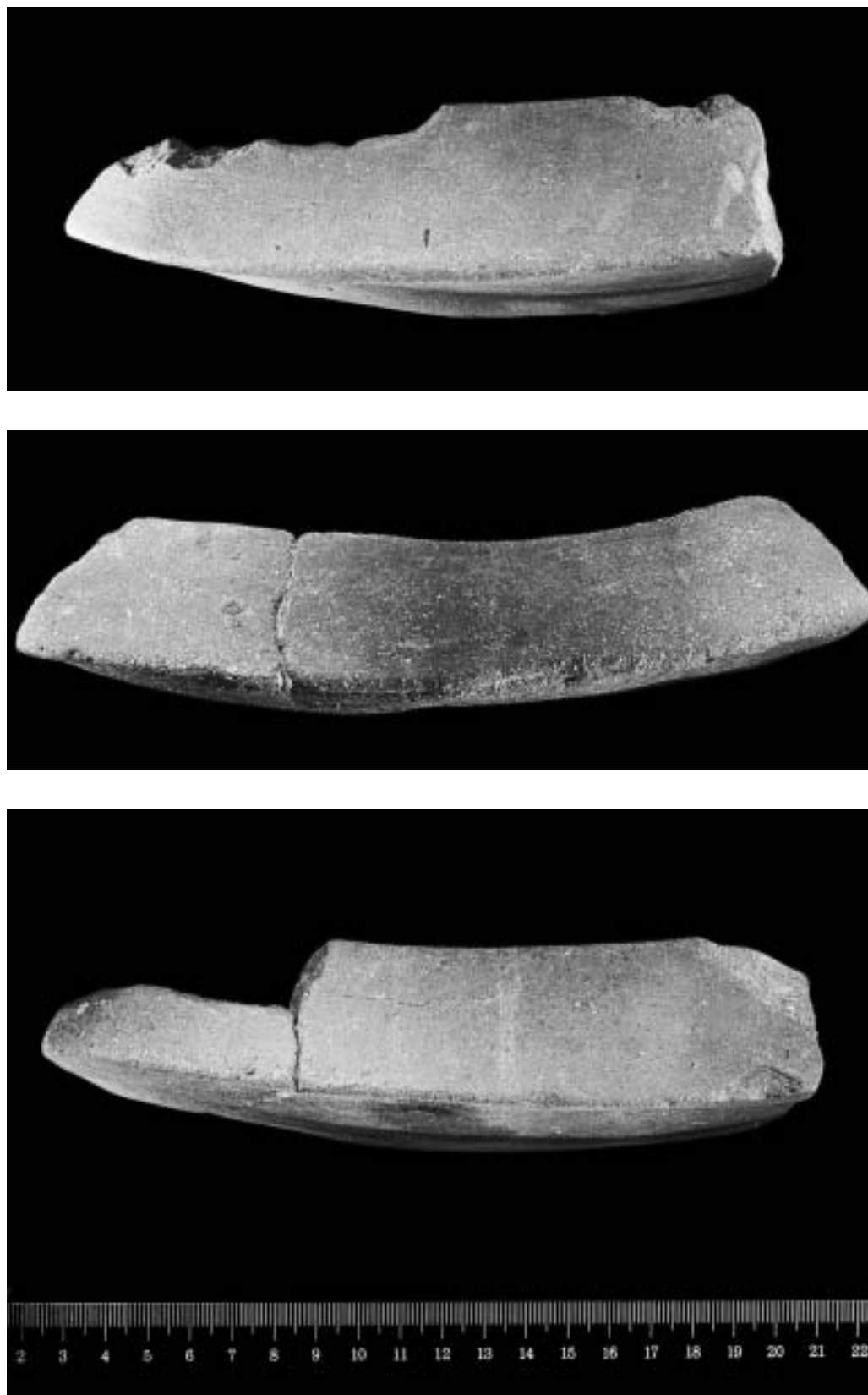


Fig. 21 As taças carenadas 2036, 2035 e 2037.

### Descrição

#### QL 4(94) A [132] 2044

Este prato apresenta um índice de profundidade que o aproxima do traço de separação entre pratos e taças, abaixo do qual se mantém, no entanto. A pasta apresenta-se compacta, apesar dos numerosos componentes não plásticos de pequena e média dimensão. Quanto à natureza destes, foi detectada uma presença maioritária de quartzo, algum, pouco, quartzo hialino e praticamente nenhuma mica. As superfícies apresentavam-se alisadas tanto no interior como no exterior, conservando ainda nalgumas áreas traços da aguada original. A cozedura foi feita num meio maioritariamente oxidante. O bordo foi espessado interna e externamente, mas diverge do tipo almendrado pela aresta de contacto com a parte interior do lábio. O diâmetro externo da abertura foi fixado em 54 cm. A largura do lábio, neste caso confundível com a espessura máxima do bordo, foi registada como 2,2 cm. A espessura, na área correspondendo aproximadamente ao bojo, apontava o valor máximo de 1,2 cm.

#### QL 4(94) A [134] 2043

O prato de bordo espessado a que esta descrição se refere é formado por dois fragmentos, um, o maior, com bordo e fundo, sendo o outro um fragmento de bordo conectável ao anterior, formando ambos uma extensão de bordo com cerca de 8 cm. A pasta é semi-compacta e inclui numerosos componentes não plásticos de quartzo, alguns de quartzo hialino e mos-

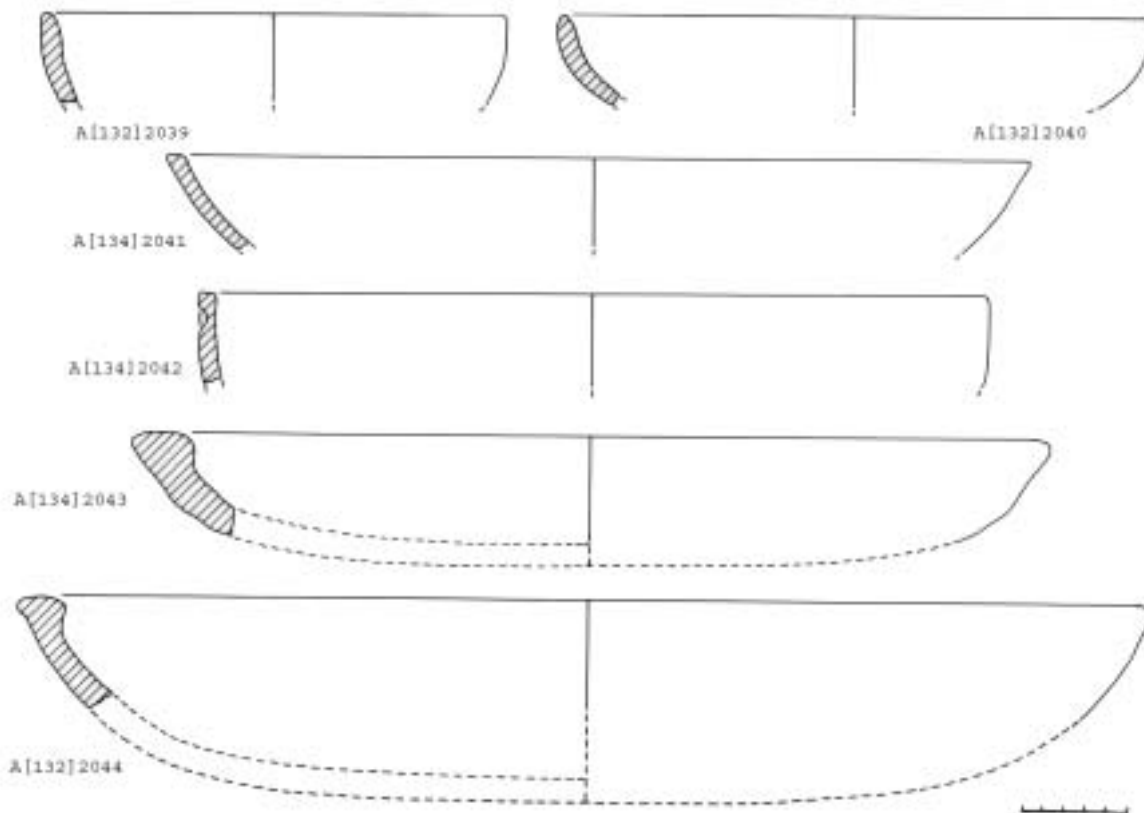


Fig.22 Formas abertas.

covite alterada. As superfícies externas apresentam-se ligeiramente rugosas, mas a interna conserva vestígios de aguada muito espessa ou engobe fino. A cozedura foi oxidante. O bordo apresenta-se espessado internamente, definindo um lábio ligeiramente encurvado, com a largura máxima de 2,5 cm. O diâmetro externo da abertura foi fixado em 44,2 cm.

### *Comentário*

Os dois pratos recolhidos no que resta dos níveis pré-históricos da Quinta das Longas são exemplificativos de duas das várias formas que os pratos calcolíticos assumem a sul do Tejo. Uma delas configura pratos com índices médios e a outra, uma variante de pratos que se aproximam, pelo valor dos índices, da separação prato - taça.

São formas cuja associação às taças carenadas nem sempre é frequente, mas que foi detectada em conjuntos fechados como os da Torre do Esporão e da Sala n.º 1.

#### *5.1.3.3. As cerâmicas mamiladas*

De entre as cerâmicas recolhidas na Quinta das Longas, salientam-se dois fragmentos que apresentam mamilos ou pegas de prensão de bordo (QL 4(94) A [132] 2055; QL 4(94) A [132] 2057) e um terceiro que levanta um problema curioso (QL 4(94) A [134] 2042).

As duas primeiras formas são inconfundíveis e muito semelhantes às recentemente recolhidas na estrutura de combustão I de Xarez 12 (Gonçalves, 2002).

A primeira delas é o fragmento de um recipiente de paredes relativamente espessas e com o acabamento ainda bem conservado. Numa descrição sumária, diríamos que se trata de uma forma fechada, ainda que por milímetros, conservando-se ainda bordo e bojo. Pasta compacta, com abundantes componentes não plásticos sobretudo de pequena dimensão, na sua maioria de quartzo, com raras micas. As superfícies internas e externas apresentam ainda em extensas áreas um fino engobe polido. Cozedura oxidante. O bordo não espessado é muito ligeiramente aplanado para o interior, e, logo abaixo do bordo, surge o mamilo ou pequena pega horizontal alongada. A fragmentação do vaso não permite determinar se haveria outro aparelhado, mas pelo tipo de mamilo, não parece muito provável. O diâmetro externo da abertura foi fixado em 12 cm, sendo a espessura do bordo, junto ao mamilo, de 0,7 cm. É um belo exemplo de um tipo de pequenos vasos mamilados, tanto quanto é possível dizê-lo actualmente, claramente filiados no Neolítico Final.

O fragmento 2057 configura uma situação completamente distinta, tratando-se provavelmente de um grande vaso, com diâmetro externo de abertura de 37 cm. Os abundantes componentes não plásticos são de pequena e média dimensão, sobretudo quartzo e micas, nomeadamente moscovite alterada, sendo ainda visíveis raros nódulos ferrosos e algum quartzo hialino. O grau irregular de esmagamento dos componentes não plásticos e a perda de numerosos deles acabou por originar superfícies rugosas sobre as quais se não vê qualquer acabamento. Cozedura oxidante. Ao bordo, não espessado, foi colada uma pega alongada, um típico acessório para prensão.

O fragmento 2042 apresenta logo abaixo do bordo um negativo com várias possibilidades de interpretação. Poderia tratar-se de um pequeno mamilo circular que caiu, de uma perfuração inacabada ou de um de dois “falsos olhos”.

A cerâmica, semi-compacta, representa, como no resto do conjunto cerâmico, abundantes componentes não-plásticos, nomeadamente quartzo, quartzo hialino, moscovite alterada e ainda



outros componentes não identificados, todos eles mal calibrados e moídos muito irregularmente. A superfície foi alisada e na externa vislumbra-se uma aguada espessa ou um engobe fino. Cozedura redutora. O bordo não espessado foi aplanado. A grande dimensão deste vaso, muito próxima do anterior, foi fixada através do diâmetro externo, 37,8 cm, e a própria espessura do bordo que atinge quase 1 cm confirma de algum modo a robustez deste recipiente.

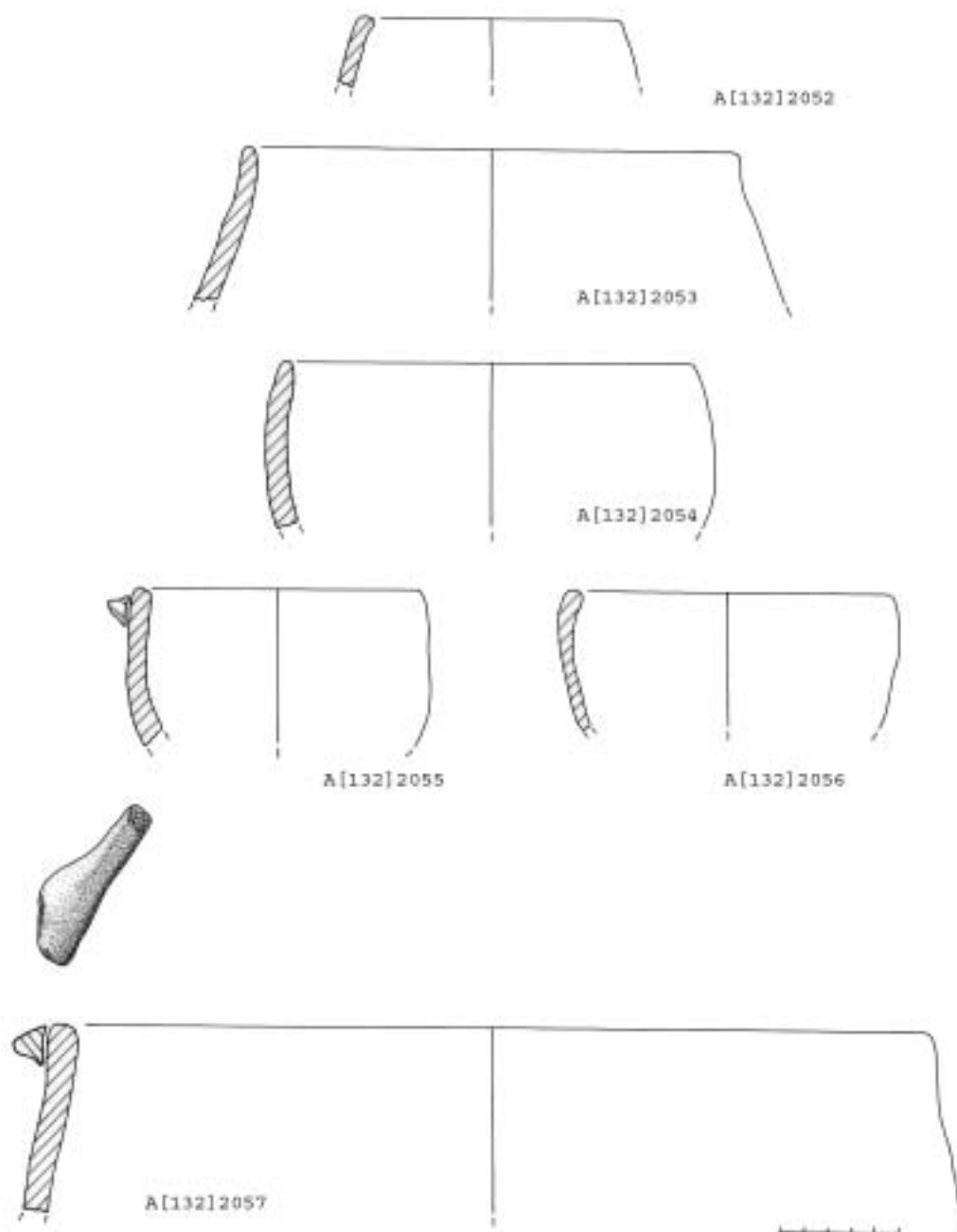


Fig. 23 Cerâmicas mamiladas e outras.

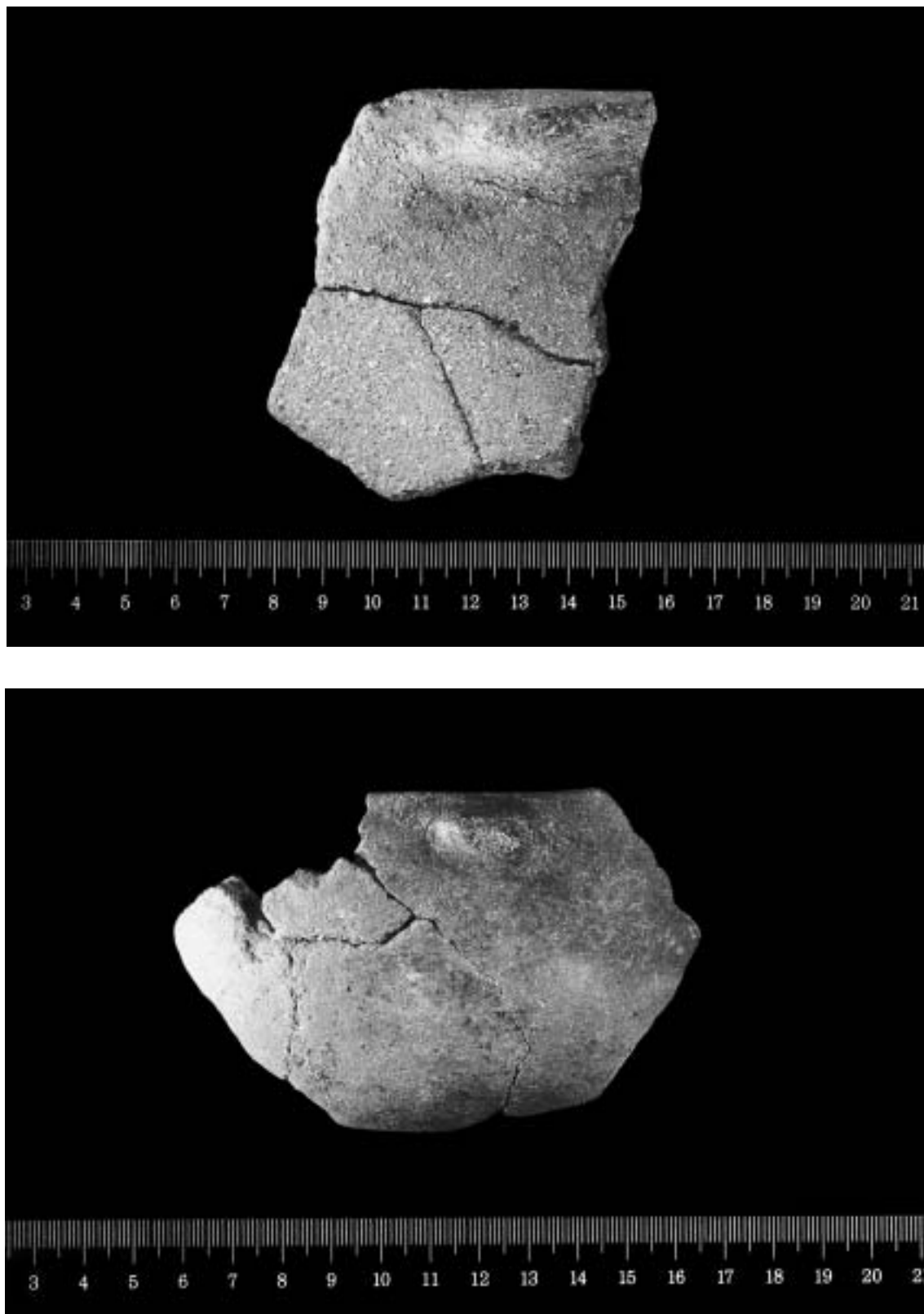


Fig. 24 Cerâmicas mamiladas 2057 (em cima) e 2055.

#### 5.1.3.4. Outras cerâmicas fechadas

De entre as restantes cerâmicas pré-históricas recolhidas na Quinta das Longas, destacam-se pelos menos três tipos de recipientes fechados. O primeiro reúne algumas formas que se aproximam dos esferoidais, situando-se, aliás, entre os esféricos altos e esse outro tipo de recipiente. Existem alguns esféricos altos e, em dois casos, podemos estar perante formas que poderiam configurar um tipo de vaso de colo estrangulado. No entanto, considerando a dimensão dos fragmentos não é improvável que se trate de outro tipo de recipientes fechados.

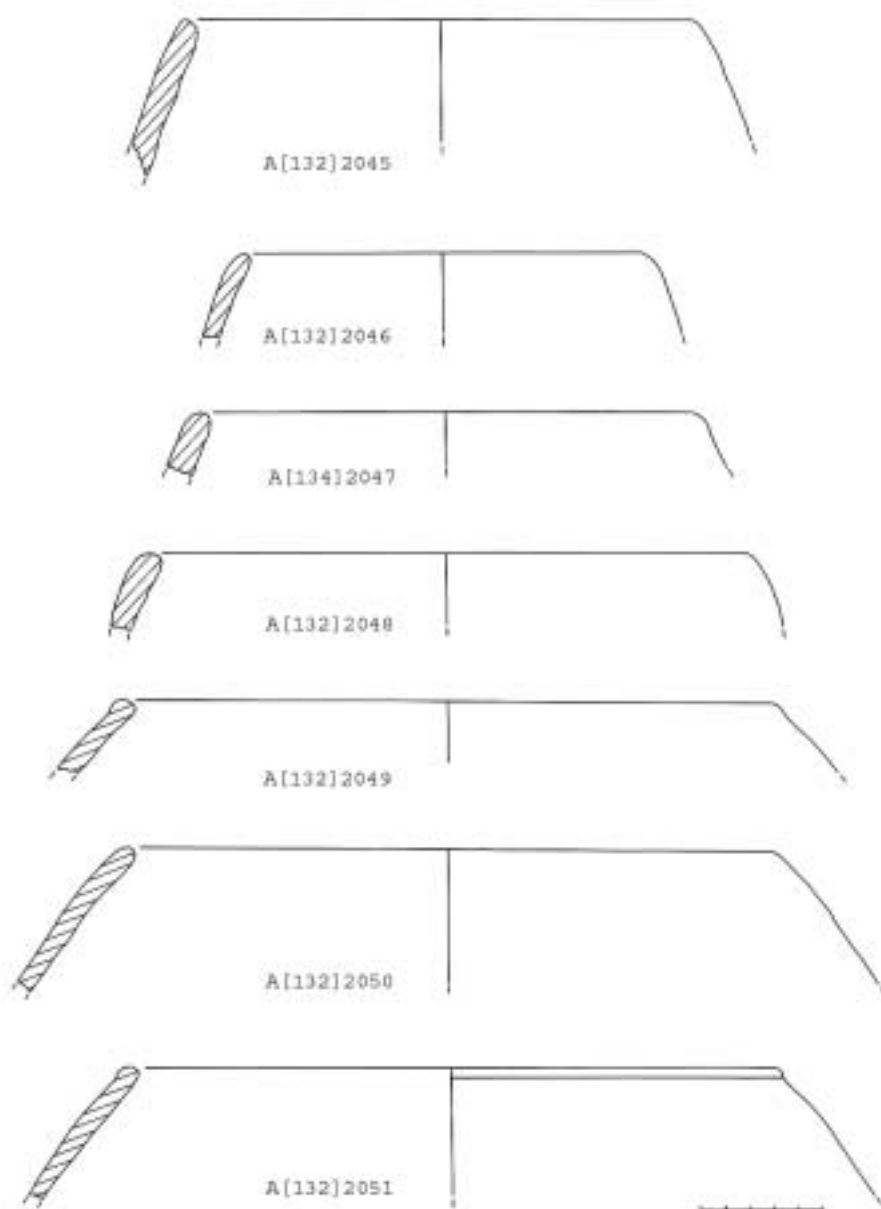
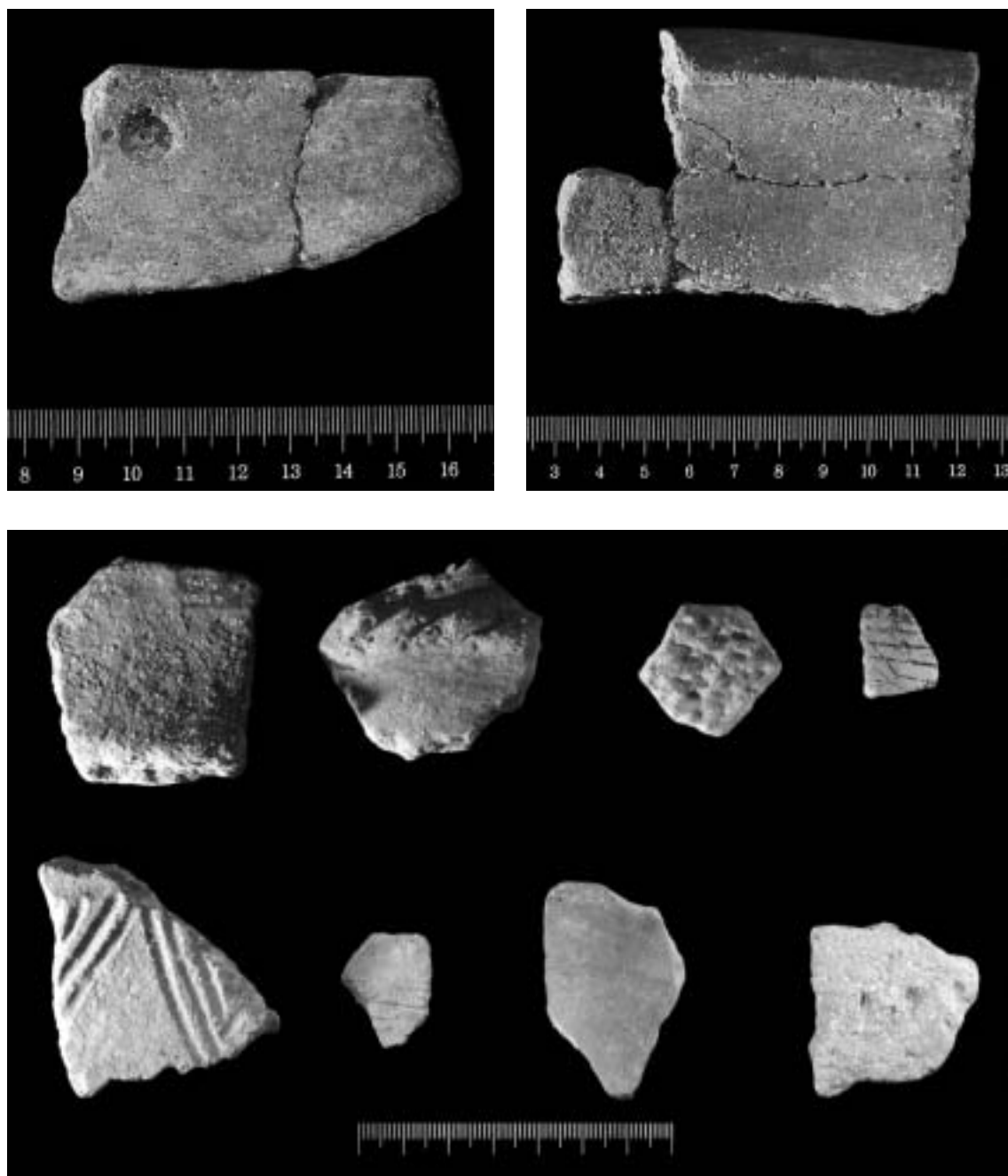


Fig. 25 Formas fechadas.

### 5.1.3.5. Cerâmicas abertas

As cerâmicas abertas recolhidas na Quinta das Longas, que incluem os dois pratos de bordo espessado já referidos, são claramente minoritárias no conjunto. Entre elas vislumbram-se taças de bordo não espessado, muito abertas (2040, 2041), comuns em conjuntos datados pelo radiocarbono da primeira metade do III milénio, em anos de calendário. Apesar da versatilidade das formas abertas, são indiscutivelmente estas que indiciam uma ocupação da Quinta das Longas para além do Neolítico Final.



Figs. 26, 27 e 28 Cerâmicas de bordo espessado 2043 e 2044 (em cima) e (em baixo) cerâmicas decoradas 2150-2080-2059-2158 (primeira linha) e 2149-2058-183-2151.

Em termos gerais, todas elas, como as anteriores, são formas de uso quotidiano.

As taças em calote representadas pelo exemplar 2039 podem também incluir-se neste conjunto funcional, ainda que, tal como as taças muito abertas, sejam por vezes encontradas em conjuntos funerários.

#### 5.1.3.6. Considerações gerais sobre as cerâmicas pré-históricas recolhidas na Quinta das Longas

Não é possível, num conjunto compactado apenas pelas situações pós-deposicionais, estabelecer qualquer espécie de sequência que não seja lógica, e portanto apriorística.

O conjunto da Quinta das Longas não foge a esta situação, nem é possível eliminar as suas condicionantes. No entanto, os artefactos cerâmicos podem experimentalmente ser distribuídos por dois grupos, cabendo no primeiro as taças carenadas e as cerâmicas mamiladas e no segundo pratos de bordo espessado e as taças muito abertas.

Sabemos porém que, em determinadas situações (Torre do Esporão e Sala n.º 1) se verifica uma coexistência entre estas formas cerâmicas e que a confirmação de conjuntos muito homogêneos não é fácil de determinar no actual estado dos nossos conhecimentos (Gonçalves, 2003).

A estrutura de combustão I de Xarez 12, neste momento exacto em estudo, evidenciou um conjunto extremamente coerente de artefactos cerâmicos associados, quase todos eles recipientes mamilados, por vezes de grandes dimensões, autênticas marmitas para cozinhar alimentos. Das formas mamiladas da Quinta das Longas, apenas duas são de natureza ligeiramente diferente e uma delas é francamente pequena, mas em termos gerais filiam-se no grande conjunto para o qual fins do IV milénio/inícios do III é uma localização altamente provável.

Através da atribuição das outras formas à primeira metade do III milénio é possível avançar duas hipóteses:

Primeiro cenário – através da filiação das cerâmicas em dois conjuntos sequenciais é possível propor para a Quinta das Longas duas fases de ocupação pré-histórica;

Segundo cenário – a ocupação pré-histórica da Quinta das Longas limita-se a um período de transição definido a partir de um conjunto híbrido de formas cerâmicas.

Não existem dados para escolher qualquer dos cenários sem hesitação, ainda que o primeiro nos pareça o mais provável.

#### 5.1.3.7. O «ídolo de cornos»

Da unidade estratigráfica 141 é proveniente um grande fragmento de um «ídolo de cornos», fragmentado no sentido longitudinal e transversal. Conserva ainda parte da base, grosseiramente plana, e o traçado da clássica perfuração, presente na maioria, mas não em todos os exemplares deste tipo.

Sujeito a interpretações muito diversificadas, este enigmático artefacto cerâmico começou por ser assim designado por arqueólogos alemães, que tinham presentes o que pensavam ser protótipos do Mediterrâneo oriental. Referi, com reservas, esta leitura, a propósito do conjunto muito significativo recolhido no Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves, 1989). Uma interpretação estritamente funcionalista foi entretanto apresentada por João Luís Cardoso, que os considerou como suportes para lareira.

Em Portugal, como no sul de Espanha, têm sido quase sempre recolhidos em povoados e a sua presença junto às estruturas de fogo é inegável, sendo particularmente significativos os casos do Cerro do Castelo de Santa Justa, em que sete se dispunham em torno a um forno fechado, localizado em I.25, e o da estrutura I de Xarez 12, onde um exemplar se encontrava a escassos centímetros da área de fogo.

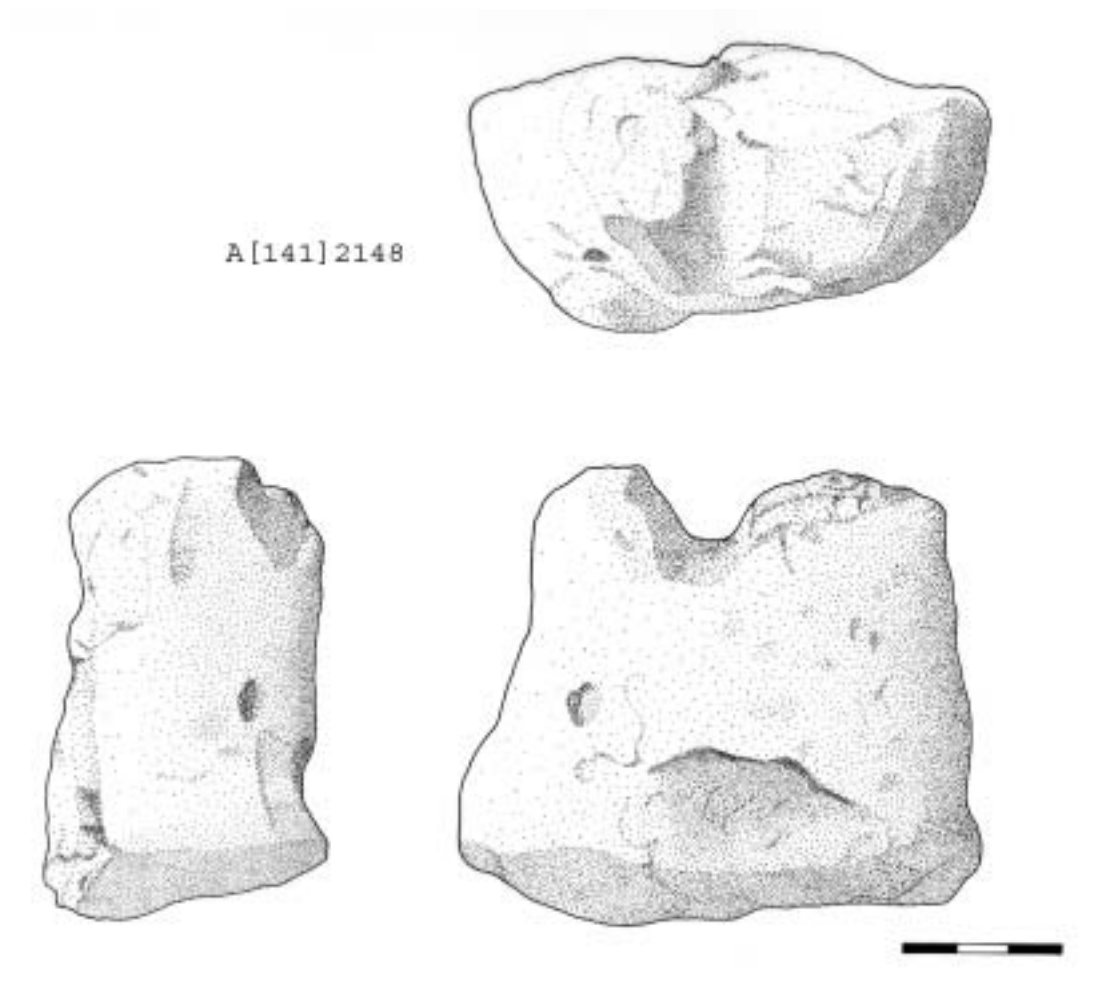


Fig. 29 «Ídolo de cornos».

No entanto, alguns «ídolos de cornos» pura e simplesmente *não têm cornos* e outros *não têm sequer perfuração*. Ora sem uns e outra é impossível segurar um espeto ou uma trempe, aliás inutilizável num forno fechado e de utilização complexa num aberto. Também se verifica o caso de exemplares recolhidos em Vila Nova de São Pedro e Badajoz (Los Castillejos I) apresentarem os mesmos motivos simbólicos relacionados com a Deusa dos Olhos de Sol, bem conhecidos em cerâmicas, artefactos de osso polido e betilos.

Por outro lado, a própria dimensão desigual, por vezes diminuta, dos «ídolos de cornos» faz com que não seja possível visualizá-los nos contextos funcionais conhecidos.

Poderia, como já se escreveu, tratar-se eventualmente de uma divindade relacionada com o fogo ou de uma função específica da Deusa. Mas deve ser reconhecido que não existem ainda, actualmente, dados suficientes para escolher qualquer uma das hipóteses. Num texto actualmente em conclusão («Mais corno, menos corno»...) analisarei mais detalhadamente esta questão.

De qualquer forma, o exemplar da Quinta das Longas pertence indiscutivelmente a esta controversa família de artefactos.

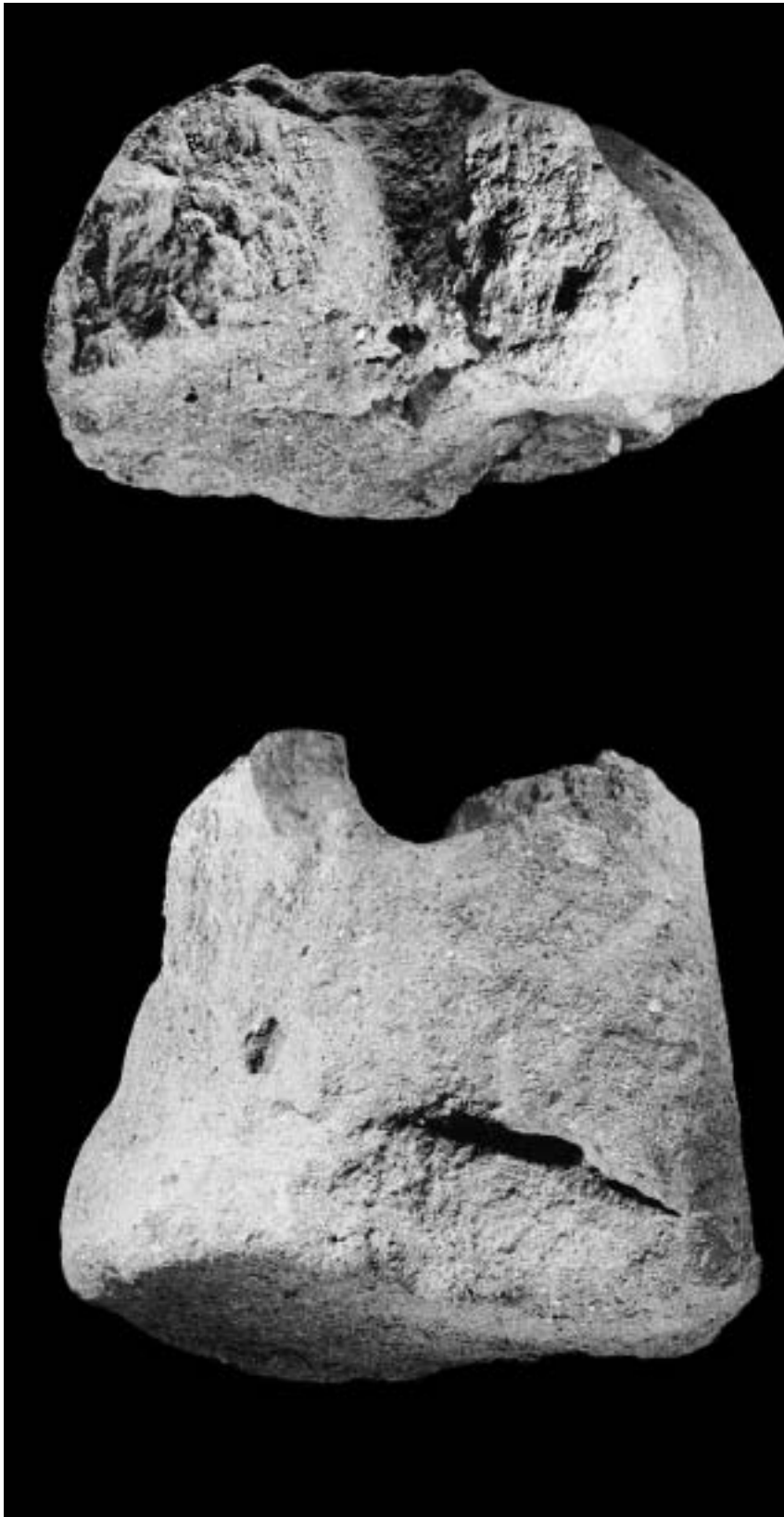


Fig. 30 «Ídolo de cornos».

## 5.2. O enquadramento cultural e cronológico

A própria localização da Quinta das Longas torna inevitável a sua aproximação aos dois povoados de Campo Maior, Cabeço do Cubo e Santa Vitória, infelizmente sobre os quais muito pouco se sabe. Sobre o primeiro, não há, até ao momento, literatura significativa disponível. Sobre o segundo, a única fonte de informação continua a ser a versão original fotocopiada de uma tese de mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e cuja informação é, em extremo, insuficiente, mesmo para um entendimento mínimo do sítio (Dias, 1996).

Sob o ponto de vista da estratégia do povoamento, nada autoriza a estabelecer similitudes entre a Quinta das Longas e os outros dois sítios, tão próximos todavia. No entanto, sob o ponto de vista artefactual, a questão é bem diferente.

Com efeito, as taças carenadas recolhidas na Quinta das Longas são em tudo idênticas aos exemplares por diversas vezes vislumbrados em fotografia e recolhidos no Cabeço do Cubo, mas, uma vez que nunca foram publicados, a comparação entra nos campos da memória eidética e não da realidade científica (o que, no caso presente, talvez seja, aliás, preferível...).

## 5.3. Observações finais

Parece hoje certo que o sítio onde se viria a construir a *uilla* romana da Quinta das Longas foi ocupado como acampamento ou lugar de habitação permanente (é impossível escolher), por uma população detentora da cultura material própria dos fins do IV milénio e dos inícios do III.

A construção da *uilla* deve ter arrasado por terraplanagem as irregularidades oferecidas pelas construções de época anterior, similarmente ao que aconteceu aquando da construção da *uilla* de S. Cucufate, no Baixo Alentejo, aí tendo sido afectado um lugar de habitação ou acampamento do V ou do IV milénio.

O único aspecto interessante desta similitude de escolhas de lugares para implantar um habitat reside no facto de terem sido as mesmas condicionantes a determinar as opções.

A *uilla* da Quinta das Longas não tem quaisquer condições de defensabilidade, situação conveniente para as populações do Neolítico Final, período em que se não conhecem indícios de afrontamentos graves.

Na primeira metade do III milénio, a situação, como sabemos, é aparentemente marcada por outras escolhas e o advento dos povoados fortificados de altura, ou estrategicamente colocados, como o Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-1989) traduz as novas realidades. Mas é bom não esquecermos que para cada povoado fortificado existem dezenas de sítios abertos, teoricamente indefensáveis, que correspondem à morfologia da Quinta das Longas.

A existência de um núcleo de cerâmicas decoradas entre as recolhidas na Quinta das Longas só foi reconhecida em 2002.

De todas estas cerâmicas, apenas duas, como já vimos, justificam menção especial. Uma delas, Ref.<sup>a</sup> 2080, apresenta uma decoração por aplicação de um cordão plástico profundamente entalhado com traços oblíquos. Não é impossível que esta peça seja mais antiga que as restantes, mas também não é improvável que ela seja associável ao grupo de fins do IV milénio.

O registo 2150 refere-se a um bordo denteado, mas com dentes pouco profundos de uma forma que podia ser associada aos vasos com colo estrangulado.

O registo 2149 é porém a peça mais complexa deste pequeno conjunto. Com uma espessura de paredes de 1,4 cm poderia ser atribuível a um vaso de provisões, um pote com decoração



canelada, associável às cerâmicas folha de acácia bem conhecidas na Península de Lisboa. Poderia parecer estranha esta presença num contexto do “interior” alentejano, mas no Monte da Tumba (Torrão) foram encontrados vários fragmentos deste tipo cerâmico.

Terminaríamos dizendo que o fragmento 183, com uma pequena faixa de decoração incisa junto ao bordo, poderia corresponder a uma forma “campaniforme”. No entanto, a dimensão do fragmento não autoriza esta atribuição sem que sérias reservas sejam assinaladas.

Mantemos assim que a cronologia de esta colecção de materiais teria como parâmetro superior 3200 e inferior 2500, parâmetro talvez recuável para 2800, não fora a presença da cerâmica com caneluras largas, da família da «folha de acácia», que na Península de Lisboa parece posterior ao primeiro parâmetro avançado.

Lisboa, Primavera de 2003

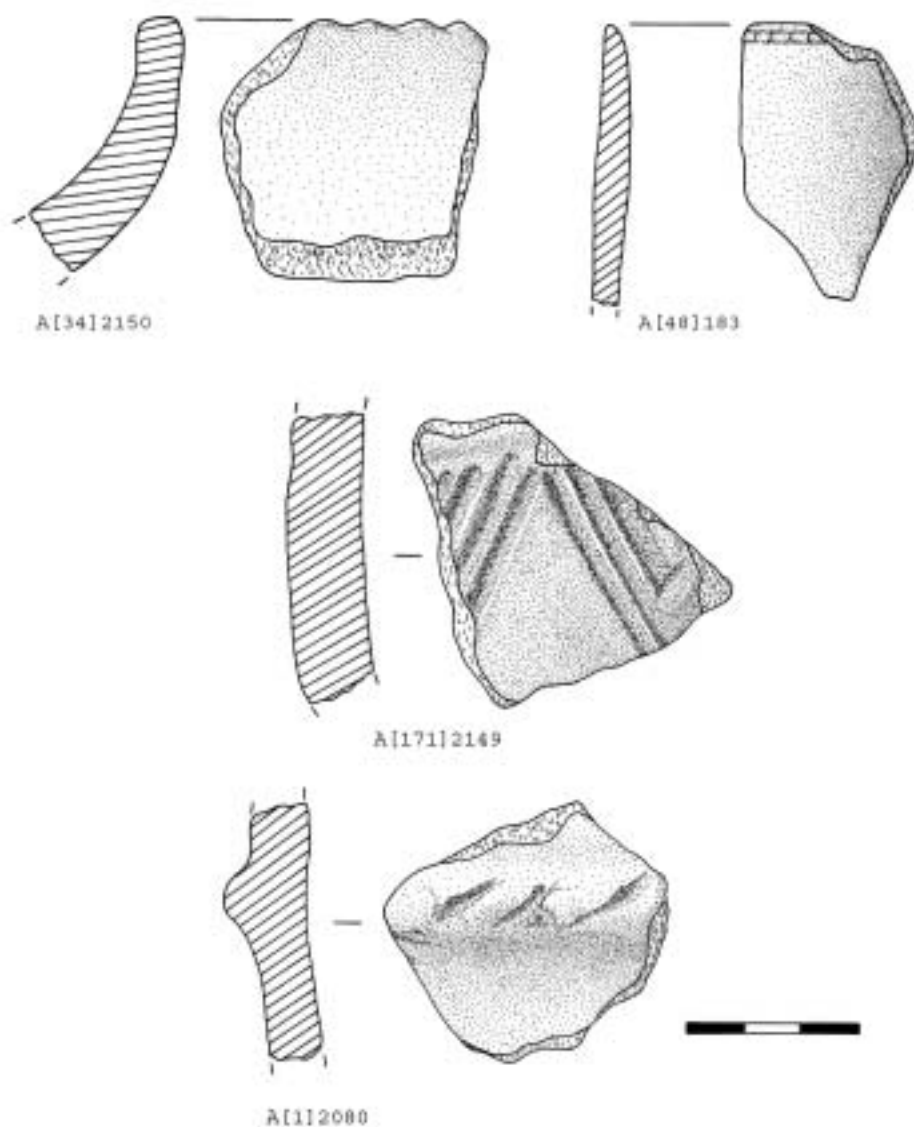


Fig. 31 Cerâmicas decoradas.

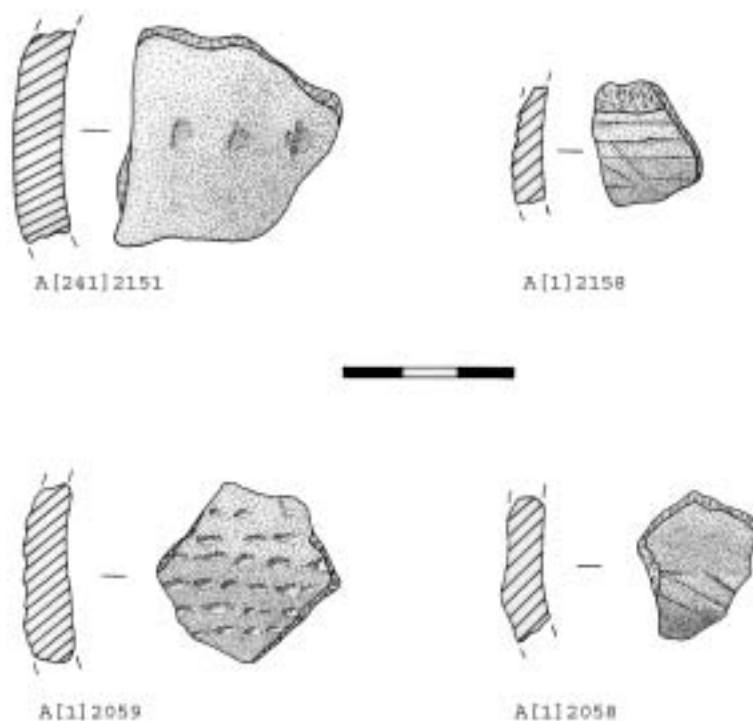


Fig. 32 Cerâmicas decoradas.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Unidade de Arqueologia (UNIARQ)  
Faculdade de Letras  
P-1600-214 Lisboa  
vsg@mail.doc.fl.ul.pt
- <sup>2</sup> Investigador da UNIARQ  
Director do Departamento de Cultura

- da Câmara Municipal de Cascais  
amgcarvalho@mail.pt.
- <sup>3</sup> Colaboradora da UNIARQ
- <sup>4</sup> Tradução da responsabilidade  
de Linda Pereira (CPL)

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, J; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris: E. de Boccard.
- DIAS, A. M. M. C. (1996) - *Elementos para estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado de Sta Vitória*. Porto. Texto policopiado.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 9-10. p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1987) - O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a Campanha 1(88). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 9-10. p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1990-91) - TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 11-12, p. 53-72.
- GONÇALVES, V. S. (2003) - *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2.ª edição. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES (no prelo) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz*.